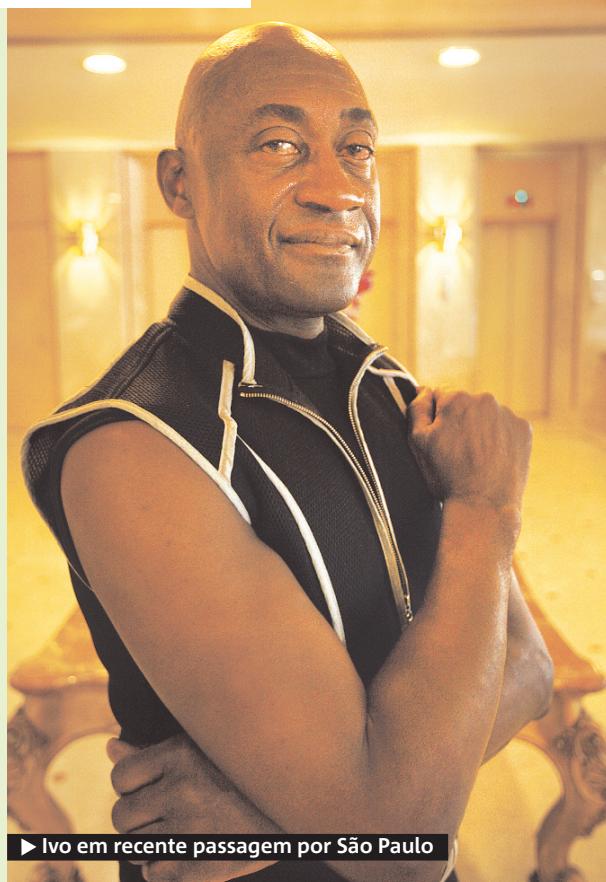


**Metro
entrevista**



► Ivo em recente passagem por São Paulo

Paulistano da Vila Ema, na zona leste de São Paulo, Ismael Ivo ganhou o mundo nos anos 1970 após ter sido convidado a ingressar na conceituada companhia de Alvin Ailey, nos EUA. De lá, partiu para a Alemanha, onde mora até hoje. Hoje diretor da Bienal de Dança de Veneza, ele busca transmitir o que aprendeu a novas gerações de bailarinos. Ivo veio ao Brasil semana passada para apresentar o espetáculo "Francis Bacon", de sua autoria, e conversou com o Metro sobre seus projetos.

Você fez carreira lá fora e agora retorna a São Paulo. Como está sendo essa volta?

Esse é um momento muito importante de revisão. Adoro São Paulo. Ao contrário do que acontece em lugares muito lindos, aqui você não tem muita distração, então é preciso ser sempre muito produtivo. Já cheguei lá fora com essa ideia de não perder tempo. Outra coisa é que aqui há uma concepção de vida que leva à troca – absorvi essa ideia de compartilhar conhecimentos. Somos ainda filhos do realismo mágico, temos um pé na fantasia e outro na criatividade. O corpo brasileiro é muito criativo. "Dar um jeitinho" nada mais é do que recriar o tempo todo.

Na sua obra, essa criatividade se revela em referências dis-

tintas, que vão da dança moderna americana à dança-teatro alemã e ao butô japonês. Tenho sempre em mente o movimento antropofágico. As pessoas com quem eu havia trabalhado no Brasil, antes de sair, já haviam me encorajado a seguir esse tipo de referência, como Ruth Rachou, Klaus Vianna e Felicia Ogawa. Fui de uma geração de bailarinos muito privilegiada com a cultura da dança que aqui se estabeleceu. Hoje, o Brasil se tornou um modelo internacional no mundo todo. A próxima virada da dança vai vir do Brasil e da Ásia.

Você está há sete anos à frente da Bienal de Veneza. A que credita essa longevidade?

Exatamente a esse tipo de energia. Nasceram com fome de criatividade! Os italianos ficaram apaixona-

ISMAEL IVO

'A PRÓXIMA VIRADA DA DANÇA VAI VIR DO BRASIL'

► Nome referencial para a dança mundial, o bailarino e coreógrafo paulistano se entusiasma com novos projetos em seu país natal

dos pelo nível de paixão que tenho pela arte da dança e pelas minhas ideias. Criei o maior festival de dança da Áustria, o ImpulTanz, com 120 espetáculos entre julho e agosto, que teve cem mil espectadores no verão passado. Acho que isso acontece porque não favoreço só o que gosto, favoreço uma visão, uma filosofia e uma evolução da dança.

Por que criar um projeto de intercâmbio de bailarinos brasileiros com a Bienal?

O Arsenale della Danza [projeto da Bienal em parceria com o Sesc e a Secretaria de Cultura de São Paulo] é um estágio em que artistas emergentes – parte deles do Brasil – recebem uma atualização global de várias informações. Só talento não é suficiente em um país grande como o

nossa. Às vezes me sinto um filho pródigo. Se tenho como fazer uma ponte e reverter o que aprendi, tem que ser como educador, tem que ser com o Brasil e tem que ser agora, quando ainda tenho muitas ideias também como criador.

Você costuma se inspirar em outras linguagens. Por quê?

É uma tendência a não ver limites. [O fotógrafo Robert] Mapplethorpe (1946-1989), [o pintor] Francis Bacon (1909-1992), [o dramaturgo Jean] Genet (1910-1986) são artistas que se movem fora do limite e transcendem barreiras, o que me atraí muito.

O Brasil vive um crescimento da produção de dança, mas não de público. Como é possível reverter isso?

É preciso ver o público como protagonista e criar outras pontes de comunicação com ele. Não é suficiente apenas apresentar dança de qualidade, mas criar interesse de vários setores do público. Me entusiasmei muitíssimo com o público cego, por exemplo, que pôde de ver "Francis Bacon" por meio de audiodescrição. O público é um organismo vivo, e a dança não pode se tornar uma ilha.



► Ivo em "Francis Bacon", apresentado semana passada em São Paulo



AMANDA QUEIRÓS
METRO SÃO PAULO